

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E IGUALDADE DE GÊNERO: UM ESTUDO TRANSCULTURAL – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Helena Altmann
Eliana Ayoub
Emília Fernandez Garcia

RESUMO

Essa pesquisa analisa as relações de gênero em aulas de educação física, problematizando situações de igualdade e desigualdade. Ela busca identificar as experiências com práticas corporais de meninos e meninas, seus interesses em relação a elas, e também o modo como as percebem, de forma a compreender como isso interfere nessas aulas, além de analisar como professores/as percebem as relações de gênero e constroem sua prática docente. A metodologia de pesquisa consiste na aplicação de questionários fechados a estudantes e questionários abertos a professores/as. A amostra foi definida dentro das regiões metropolitanas de Campinas, Brasil, e de Madrid, Espanha.

Palavras-chave: Gênero, Educação Física, Práticas Corporais e Esportivas, Escola.

ABSTRACT

This research analyzes gender relations in classes of physical education, focusing situations of equality and inequality. It intends to identify the experiences with physical activities of boys and girls, their interest in them, besides analyzing how teachers perceive gender relations and build up their teaching practice. The research methodology consists in submitting closed questionnaires to pupils and open questionnaires to teachers. The sample was defined as being limited to the metropolitan regions of Campinas, Brazil, and Madrid, Spain.

Key-words: Gender, Physical Education, Corporal and Sport Practices, School.

RESUMEN

Esta investigación analiza las relaciones de género en clases de educación física, enfocando situaciones de igualdad y desigualdad. Ella intenta identificar las experiencias con actividades físico-deportivas de niños y niñas, su interés en relación a ellas, y también el modo como las perciben, de manera a comprender como eso interfiere en las clases, además de analizar como maestros/as perciben las relaciones de género y construyen su práctica docente. La metodología de investigación consiste en la aplicación de cuestionarios cerrados a alumnos/as y cuestionarios abiertos a maestros/as. La muestra fue definida en regiones metropolitanas de Campinas, Brasil, y Madrid, España.

Palabras-clave: Género, Educación Física, Prácticas Corporales y Deportivas, Escuela.

Introdução

No Brasil, até a década de 1990, e em alguns locais ainda hoje, as aulas de educação física, diferentemente de outras disciplinas escolares, eram separadas por sexo. Tal separação justificava-se pelo caráter prático da disciplina e por ela lidar com o “corpo”, compreendido a partir de sua perspectiva biológica. À medida que as aulas de educação física foram tornando-se mistas, um intenso debate surgiu entre professores/as, dirigentes de ensino e pesquisadores/as. Tal mudança motivou diversas produções científicas na área, que debatem sobre vantagens e desvantagens, conflitos e desafios do novo sistema¹.

A pesquisa aqui apresentada, que está em andamento e conta com o financiamento do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), analisa as relações de gênero em aulas de educação física, problematizando as situações de igualdade e desigualdade presentes nessas aulas. A pesquisa identifica, por meio de questionários fechados, as experiências esportivas e com outras práticas corporais de meninos e meninas, seus interesses em relação a essas atividades, e também o modo como percebem suas práticas corporais e esportivas, de forma a compreender como isso interfere nas aulas de educação física. Além disso, através de um questionário com perguntas abertas a serem respondidas por professores/as de educação física, busca-se identificar como estes/as percebem as relações de gênero em aulas de educação física, no que se refere à definição de conteúdos, conflitos enfrentados, pontos positivos e negativos das aulas mistas, interesses e desempenho de alunos e alunas em práticas corporais e esportivas, entre outros. Os dados obtidos no Brasil serão comparados com dados obtidos em escolas espanholas, de modo a realizar uma comparação transcultural entre as experiências escolares de educação física, no que se refere ao gênero.

Análises quantitativas de dados são combinadas com análises qualitativas. Estão sendo aplicados questionários fechados a estudantes e questionários abertos a professores/as de educação física de escolas públicas. Num segundo momento, serão feitas comparações entre os dados obtidos no Brasil e na Espanha. A amostra estatística da região metropolitanas de Campinas é de 2.000 alunos.

A *população* pesquisada por esse estudo é composta por estudantes brasileiros de escolas públicas, meninos e meninas, de 8º e 9º ano do ensino fundamental e meninos e meninas, espanhóis também de escolas públicas, de 1º e 2º educação secundária, assim como seus/suas professores/as de educação física. No Brasil, foram selecionados os dois últimos anos do ensino fundamental, que marcam o fim da etapa obrigatória de educação. A seleção do nível de ensino na Espanha foi feita de modo a abranger a mesma faixa etária, que, em ambos os casos, compreende estudantes em torno de 12 a 14 anos de idade, muito embora haja estudantes com outras faixas etárias nesses níveis de ensino.

Gênero na educação física escolar – Brasil e Espanha

No Brasil, foi no final da década de 1980 que, a princípio timidamente, depois mais amplamente, o termo “gênero” começou a ser utilizado (LOURO, 1997). Os estudos sobre gênero foram, aos poucos, expandindo-se nas ciências humanas. A tradução para o português em 1990 do texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, de Joan Scott (1995), publicado pela primeira vez em 1988, é um marco. Esse texto acabou tornando-se uma referência importante para os estudos sobre gênero no Brasil, sendo amplamente utilizado na educação e na educação física. Nesse texto,

¹ A esse respeito, vide LOUZADA et. al., 2007.

gênero é conceituado como uma categoria analítica e relacional a qual se articula com outras categorias, como raça, classe, geração, sexualidade, entre outras. O gênero também é pensado como uma forma de dar significado às relações de poder.

Na educação física, é somente na década de 1990 que começam a aparecer pesquisas que adotam a categoria gênero nas suas análises. Há, antes disso, pesquisas sobre mulher ou sobre turmas mistas de educação física e co-educação, que se aproximam do que hoje entendemos como gênero, mas ainda não se observa a utilização do gênero como categoria de análise. Uma importante pesquisa sobre gênero e educação física que, de alguma forma, inaugura as pesquisas nomeadas de gênero nessa área é a tese de doutorado de Eustáquia de Sousa (1994): “Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)”. Trata-se de uma pesquisa histórica que utiliza o gênero como categoria de análise para refletir sobre a história da educação física escolar em Belo Horizonte².

Tema que motivou a produção científica na área foi a passagem de turmas separadas por sexo para turmas mistas na educação física. Mário Louzada et. al. (2007), encontraram 10 dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas entre 1990 e 2005, que abordam o tema das aulas mistas de educação física. Os autores destacam que tais pesquisas foram produzidas num contexto acadêmico extremamente favorável às aulas mistas, sendo que, com exceção de um trabalho que considera a possibilidade de variação nas formas de organização de alunas e alunos (ALTMANN, 1998), todos os outros defendem explícita e invariavelmente as aulas mistas.

No contexto espanhol, o estudo das desigualdades de gênero na atividade física e no esporte em geral, e na educação física em particular, produziram-se principalmente a partir dos anos 1990. Entre os trabalhos existentes mais relevantes, podemos citar o pioneiro de Vázquez (1993), sobre as atitudes e práticas desportivas das mulheres espanholas. Além de detectar o estado da arte sobre o tema, aborda a questão específica da persistência dos estereótipos de gênero e a aceitabilidade social com que se percebe a participação feminina e masculina no conjunto de atividades físico-esportivas. Conclui que os estereótipos mantêm-se frente ao tipo de esporte que a mulher “deva praticar”, uma vez que seguem manifestando-se a favor dos chamados esportes femininos. Entre as pesquisas que abordam a temática de gênero em relação à atividade física em idades escolares, cabe destacar os de Macias e et. al. (2003), estudando as variáveis para prever a conduta esportiva particularmente entre as mulheres. Há também grupos de trabalho que estudam as relações entre gênero e saúde, mostrando como a avaliação da própria saúde decresce paulatinamente com o aumento da idade das mulheres adolescentes. Igualmente, outra temática abordada tem versado sobre as representações e diferenças de gênero na educação superior, centrando-se nos estudantes de cursos universitários superiores, tanto na formação inicial dos professores para a educação primária (FERNÁNDEZ, 1995), como para a educação secundária (GIRELA, 2004), mantendo-se a constante dos achados na diferenciação estereotipada das práticas e dos interesses.

As análises espanholas sobre como as desigualdades de gênero relacionadas com a atividade física e o esporte transferem-se para a educação física escolar e podem ser encontradas, entre outros, nos estudos centrados nos interesses e na valoração dos professores, meninos e meninas frente à educação física (VÁZQUEZ, FERNÁNDEZ, FERRO, 2000; FERNÁNDEZ et. al., 2008a); nos estereótipos percebidos pelos

² Em 1993, a autora apresentou um tema livre no CONBRACE, intitulado “A produção acadêmica brasileira sobre gênero aplicada à educação física” e em 1995, ofereceu um seminário introdutório sobre o tema.

estudantes em relação ao ensino de diferentes atividades físico-esportivas (TORRE, 1998; BLÁNDEZ, FERNÁNDEZ e SIERRA, 2007); nas análises de gênero sobre as representações dos professores de educação física (FERNÁNDEZ, 1995, 1997; GIRELA, 2004) e sobre como estes desenvolvem seu ensino em relação às suas alunas e alunos (VÁZQUEZ et. al., 2000; FERNÁNDEZ et. al., 2008a).

Na Espanha, são principalmente os chamados referentes normativos atuais que se relacionam com esta linha de trabalho. Por um lado, dentro do recente Plano Estratégico de Igualdade de Oportunidades (2008-2010), e, no seu quarto eixo referente à educação, no objetivo 5, são reconhecidas ações para potencializar a integração da perspectiva de gênero na atividade esportiva que se implementa nos centros escolares. Promove-se, assim, a investigação sobre a situação das mulheres no exercício físico e realiza-se campanhas para o fomento de atividades físicas e a prática esportiva das meninas. Por outro lado, a recente Lei Orgânica para a Igualdade Efetiva de Mulheres e de Homens, contemplando o princípio de igualdade na política de educação (art. 24), reconhece o desenvolvimento de atuações dirigidas para a incorporação deste princípio de igualdade nos currículos de todos os níveis de escolarização, assim como frente à eliminação de comportamentos e estereótipos que suponham discriminação entre mulheres e homens.

Relações de gênero e experiências corporais e esportivas

Ao longo da sua história, a educação física manteve uma forte tradição de separação de alunos e alunas por sexo nas suas aulas. Apenas mais recentemente, a partir da década de 1990 do século passado, essa tradição começou a ser modificada, e muitos meninos e meninas passaram a compartilhar os mesmos espaços. Mesmo assim, nem sempre realizam as mesmas atividades nas aulas de educação física, pois aula mista não tem sido sinônimo de práticas mistas ou ainda co-educação. O que se observa, é que, em muitos casos, a aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, mas as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos.

A separação é justificada com argumentos fundamentados nas ciências biológicas, de acordo com os quais, homens e mulheres teriam corpos biologicamente distintos, ou seja, diferenças de estatura, força física, habilidade etc., que impossibilitariam a prática conjunta nessas aulas. Esse argumento ainda se faz presente hoje.

Para justificar o sexismo, a Educação Física, em geral, fundamenta seu projeto de separação dos sexos no sentido do corpo como algo biológico e, ao mesmo tempo, na construção do corpo feminino mais fraco – por “natureza” – que o masculino, reforçando o poder dos homens sobre as mulheres na escala social. (SOUSA, 1994, p. 221)

A hegemonia do esporte como conteúdo das aulas de educação física a partir da década de 40 do século passado (SOARES, 1996 e BRACHT, 1992) e sua organização em torno da perspectiva do rendimento, legitimam tal separação. A influência do esporte moderno, cujas competições são separadas por sexo, na organização da educação física escolar, não pode ser desconsiderada. No entanto, esse tipo de argumento esconde elementos culturais relacionados a essa separação. Em outras palavras, justifica-se uma separação a partir de diferenças entre o sexo feminino e o masculino, quando, na prática, isso também é sustentado por diferenças de gênero, por relações de poder.

Essa perspectiva de separação é incentivada desde muito cedo na vida escolar de nossas crianças. Basta observarmos, conforme ressalta Ayoub (2001), o oferecimento de

aulas de “balé” para as meninas e de “judô” para os meninos, em escolas de educação infantil do setor privado.

As crianças, desde muito cedo, vão aprendendo que “dança é coisa de menina” e “luta é coisa de menino”, reforçando estereótipos em relação às práticas corporais e aos diferentes papéis sociais desempenhados por meninas e meninos, mulheres e homens. Mais tarde, serão o “futebol dos meninos” e o “vôlei das meninas” alguns dos principais exemplos de estereótipos no âmbito da educação física escolar, as quais têm reforçado a idéia de turmas separadas em meninos e meninas nas aulas de educação física. (AYOUB, 2001, p.58)

A tradição de manter grupos separados por sexo e a dificuldade em trabalhar com turmas mistas não é apenas brasileira. De modo semelhante na Inglaterra, segundo Sheila Scraton (1995), a educação física desenvolveu-se sobre a base de linhas evolutivas diferentes segundo os sexos, com metas e objetivos distintos a homens e mulheres. Também lá é recente a preocupação de rompimento com a tradição de separação para a introdução de uma educação física em regime co-educativo.

Na Espanha, devido às dificuldades enfrentadas pelos docentes em ministrar aulas para turmas mistas e com o objetivo de avançar no processo de sensibilização e conscientização reflexiva do professorado como dinamizador e transformador das situações de sexismo vigentes na comunidade educativa, foram publicados *Cuadernos para la Coeducación*. Um deles versa especificamente sobre a educação física, oferecendo pistas para a construção de centros educativos que promovam oportunidades semelhantes para ambos os sexos (ESPINOSA, 1994).

Nessa perspectiva, foi publicado na Espanha em 2008 o “Guía PAFIC – Promoción de Actividad Física para las Chicas” (FERNÁNDEZ, et. al., 2008b). Ele surge como uma proposta para a intervenção educativa na escola, buscando apontar soluções a esse problema. No Brasil, não há publicações semelhantes. Muito embora os Parâmetros Curriculares Nacionais problematizem questões de gênero e destaquem a importância desse tema na educação física (BRASIL, 2000 e 1998), propostas mais concretas e sistematizadas de intervenção inexistem.

Estudos apontam a existência de relações de gênero hierarquizadas e desiguais nas aulas dessa disciplina (ABREU, 1990, SARAIVA, 1993, FERREIRA, 1996, OLIVEIRA, 1996, ALTMANN, 1998). Diversos conflitos enfrentados por docentes e discentes são explicados por diferenças corporais, pensadas, por vezes, como sendo biológicas, por outras, como resultado de construções sociais diferenciadas de corpos masculinos e femininos.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada problematiza o envolvimento de meninos e meninas com práticas corporais e esportivas, dentro e fora da escola, e o impacto disso nas aulas de educação física. Que situações de igualdade e desigualdade de gênero alunos/as e professores/as vivenciam nessas aulas e como lidam com essas situações? Quais as relações dessas com as experiências corporais e esportivas de meninos e meninas?

Assim, os objetivos dessa investigação giram em torno de três eixos de análise: (1) as experiências de meninos e meninas com práticas corporais e esportivas dentro e fora das aulas de educação física; (2) as percepções de meninos, meninas e docentes acerca dessas experiências; e (3) a compreensão de igualdades e desigualdades de gênero na educação física.

Referências bibliográficas

ABREU, N. G. Meninos pra cá, meninas pra lá. Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.

- ALTMANN, H. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.
- BLÁNDEZ, J.; FERNÁNDEZ, E. e SIERRA, M. A. Estereotipos de género, actividad física y escuela: la perspectiva del alumnado. Profesorado. Revista de currículo y formación del profesorado, 11, 2, 2007. Disponible en <http://www.ugr.es/local/recpro/rev112ART5.pdf>
- BRACHT, V. Educação física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MECSEF, 2000.
- ESPINOSA, M. C. et al. Cuadernos para la Coeducación. n. 4 Educación Física. Espanha: Materiales Curriculares INNOVA, 1994.
- FERNÁNDEZ, E. Actividad Física y Género: Representaciones diferenciadas en el futuro profesorado de educación Primaria. Tesis Doctoral. UNED, 1995.
- _____. Vínculos y relaciones con la actividad física en los estudiantes de Maestro/a en la Especialidad de Educación Física. Revista Icd de Investigación en Ciencias del Deporte, 15, 33-55. Consejo Superior de Deportes, Madrid, 1997.
- FERNÁNDEZ, E. et. al. Estudio de los estereotipos de género vinculados con la actividad física y el deporte en los centros docentes de Educación Primaria y Secundaria: Evolución y vigencia. Diseño de un programa integral de acción educativa. Memoria de investigación presentada al Instituto de la Mujer – Ministerio de Asuntos Sociales. Madrid, 2008a.
- FERNÁNDEZ, E. et. al. Guía Pafic. Promoción de Actividad Física para las chicas. Madrid, Instituto de la mujer, 2008.
- FERREIRA, J. L. As relações de gênero nas aulas de Educação Física, um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande - PB. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1996.
- GIRELA, M. J. Las diferencias de género existentes en el conocimiento profesional docente del alumnado de la Facultad de Ciencias la Actividad Física y del Deporte de la Universidad de Granada. Tesis Doctoral. Universidad de Granada, 2004.
- LOURO, G. L.. Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOUZADA, M., VOTRE, S. e DEVIDE, F. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007.
- MACIAS, M. V e MOYA, M C. Estereotipos y deporte femenino. La influencia del estereotipo en la práctica deportiva de niñas y adolescentes. Revista Icd. Estudios sobre Ciencias del Deporte. Serie de Investigación. n 35. Consejo Superior de Deportes – Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Madrid, 65-95, 2003.
- OLIVEIRA, G. K. de. Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais. Campinas: UNICAMP, 1996.
- SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p.6-12, 1996.

SARAIVA, M. do C. Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física. Florianópolis: UFSC, 1993.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez., 1995.

SCRATON, S. Educación física de las niñas: un enfoque feminista. Trad. Pablo Manzano. Madri, Espanha: Morata, 1995. (Título original: Shaping up to womanhood. Gender and Girls Physical Education)

SOUSA, E. S. de. Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas: UNICAMP, 1994.

VAZQUEZ, B. Actitudes y prácticas deportivas de las mujeres españolas. Ministerio de Asuntos Sociales-Instituto de la Mujer, Madrid, 1993.

VÁZQUEZ, B.; FERNÁNDEZ, E. e FERRO, S. Educación Física y género: Modelo para la observación y el análisis del comportamiento del alumnado y del profesorado. Publicación e Investigación financiada por el Instituto de la Mujer dentro del Programa Sectorial I+D sobre el género. Madrid, 2000.

altmann@fef.unicamp.br